

O MEDO AO PEQUENO NÚMERO: ENSAIO SOBRE A GEOGRAFIA DA RAIVA

Arjun Appadurai

São Paulo, Iluminuras/Itaú Cultural, 2009, 112 p.

O texto abordará aspectos da obra de Arjun Appadurai (2009) ressaltando pontos relevantes de nosso contexto social atual, com ênfase no capitalismo tardio e na globalização. Relacionaremos o ensaio com conceitos de Foucault (2005[1977]), bem como apresentaremos breve interface do presente momento do Brasil quanto à sua posição econômica, geradora de maior circulação de pessoas.

Em seu ensaio, Appadurai promove reflexões sobre a violência em larga escala de nossa época relacionando esta, sobretudo, a aspectos culturais. Os capítulos foram escritos entre 1998 e 2004 contemplando conflitos marcantes: O primeiro, dado na Europa Oriental; em Ruanda e também na Índia, ocorridos de modo a colocar aspectos da globalização em pauta como grande reveladora de patologias sociais graves – desde as ideologias sagradas até nacionalismos e xenofobias. Outro momento marcante contemplado em seu texto é a chamada “guerra ao terror” marcada pelos ataques ao World Trade Center, nos Estados Unidos, em setembro de 2001.

No espectro supracitado o autor realiza a análise crítica das formas extremas de violência coletiva como algo que não é exclusivo aos estados totalitários, como até então se podia intuir. O questionamento disparador do texto contempla a tentativa de se compreender como, em um período conhecido por “alta globalização” no capitalismo tardio se estabelece um período de violência em grande escala em um amplo leque de sociedades e regimes políticos; globalização esta que propõe a circulação de pessoas, mercados, bens e também culturas, e que traz consigo, muito aquém do “aumento de liberdade” aparente, um tipo de devastação tanto quanto mascarado. De fato, na era da globalização a desigualdade mantém-se, e nas palavras do autor “(...) só os partidários mais fundamentalistas da globalização econômica ilimitada pensam que o efeito dominó do livre comércio e o alto grau de integração de mercados e do fluxo de capitais entre nações é sempre positivo” (p.14).

Em suma, e também nas palavras do autor, a obra propõe-se responder: “por que uma década dominada pelo apoio global a mercados abertos, livre fluxo de capital financeiro e ideias liberais de ordem constitucional, boas práticas de governo e a expansão dos direitos humanos, veio a produzir uma plethora de exemplos de limpeza étnica, de um lado e, de outro, formas extremas de violência política contra populações civis (...)?” (p. 14).

Para iniciar-se a busca pela compreensão destes aspectos o autor propõe o reconhecimento da ideia fundamental de *Ethnos nacional*. Ideia que reflete a soberania nacional baseada no *genius étnico*, ou seja, características comuns que irão designar a raça, nacionalidade, pertencimento grupal, sendo estes garantidos pela uniformização educacional e linguística – contemplando assim a ideia de um povo nacional que, segundo Hannah Arendt (1968) citada por Appadurai, é o tendão de Aquiles das modernas sociedades liberais. Logo, um lugar de incerteza social na vida social é o que pode impulsionar projetos de limpeza étnica (saber quem faz parte de um “nós” e quem não faz parte passa a ser pano de fundo deste processo) algo que com a velocidade de mudanças promovidas pela globalização passa a ser uma constante.

Uma vez que a globalização pode exacerbar este tipo de incerteza (justamente pelo caráter fluido estabelecido pela forma como se dão todas as relações envolvidas no processo globalizador – que vão desde as trocas econômicas, chegando até as relações pessoais), serão justamente os mais vulneráveis – considerados pelo autor como o *pequeno número* – os sujeitos vítimas do processo de expiação de medos e outras projeções em caráter conhecido popularmente como “bode expiatório”. A busca da identidade nacional que se perde em meio à fluidez promovida pela globalização, exacerba este processo e “encontrar um culpado” pode, por vezes, promover um tipo de “certeza identitária” resultando na unificação e propagação do que já tratamos ser o *Etnhos nacional*. Este processo é nomeado pelo autor como “ansiedade da incompletude”. Tal ansiedade¹ é em sua gênese indecifrável.

Logo, maiorias numéricas precisam de minorias que abarquem sua angústia e ansiedade, necessitam de um objeto que eleve a sua sensação de completude, justificando-se então genocídios, atitudes xenofóbicas, etc. Fato percebido em inúmeros casos ao redor do mundo, como o tratamento para com judeus, por exemplo. No texto, contudo, Appadurai foca maior atenção às reações aos muçulmanos (estes então tratados como o pequeno número) a partir dos ataques em 11 de setembro, nos Estados Unidos.

Cabe incitar um questionamento, uma vez que a globalização fomenta a angústia de completude por seu caráter fluido e fugaz, como isto proporcionou que os Estados Unidos estabelecessem uma “guerra mundial contra o terror” devido a um ataque específico, ocorrido em seu território? Ainda que a globalização promova uma grande circulação de pessoas, mercados e capitais, é mister suspeitar que tenha como centro os Estados Unidos, concentrando o poder mundial, este país estabeleceu todas as regras do jogo para as demais nações. Assim, os muçulmanos passam a assumir o título de inimigos mundiais e terroristas em potencial, espalhados pelo mundo. Dissemina-se o medo geral e formas de preconceito um tanto quanto arcaicas, que recaem em velhos estigmas de “bom ou mau” permeando o imaginário das pessoas. O ser “bem ou mal vindo” passa a

ser ensinado, controlado e perpetuado já nos portões dos aeroportos. Ainda assim, a reflexão que cabe recai no futuro. Como as pessoas constituirão suas subjetividades e relações genuínas em face da “geografia do medo”?

(...) a geografia da raiva não é um simples mapa de ação e reação, transformação em minoria e resistência, hierarquias firmadas de espaço e local (...) são o resultado espacial de complexas interações entre eventos distantes e temores próximos, entre antigas histórias e novas provocações, entre fronteiras reescritas e ordens não escritas. O combustível para essas geografias encontra-se na mídia (APPADURAI, 2009, p. 77).

Globalização-medo-incompletude se tornam a tríade dominante, pessoas são formadas para desconfiar primeiramente de todo e qualquer comportamento de indivíduos que possuam determinadas características (até mesmo características físicas, que se enquadram em categorias estigmatizantes, no formato já muito estudado por Erwin Goffman, 1988) algo também determinado pelo local de origem dos sujeitos.

Ainda que este *paper* detenha características estilísticas de rigor acadêmico, faz-se relevante comentar um exemplo pessoal, vivido pela autora. Moramos, no período de 2007 até 2011, na Europa (Alemanha). Passados os primeiros anos do terror e pânico iniciais disseminados pelos atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos, em 2007 o controle fazia-se tal qual o episódio tivera acabado de ocorrer, seja no aeroporto de Guarulhos (São Paulo), até Amsterdam (Holanda) onde fizemos escala, Frankfurt (Alemanha) e ainda mais exacerbado em Londres (onde fomos a passeio). Percebemos a grande diferença existente em todos estes espaços, no tratamento que nos foi dispensado, ora devido nossa aparência física (nos enquadrámos no tipo conhecido por “branco caucasiano”), ora pelo local de nosso nascimento atestado em nosso passaporte. Devido a nossa dupla cidadania, temos o passaporte brasileiro e também o alemão. Pudemos observar claramente o tratamento distinto que recebíamos, de acordo com o passaporte apresentado. Em Londres, contudo, a apresentação do passaporte europeu não foi garantia de entrada “pacífica” (muito menos

de “boas-vindas”) – precisamos, além de mostrar todo o conteúdo de nossa bagagem, explicitar porque iríamos visitar uma amiga, por quanto tempo a conhecíamos, de onde ela vinha (no caso era uma brasileira, o que aumentou consideravelmente o número de perguntas em relação ao motivo de nossa visita), partindo para o que esta fazia profissionalmente, por que morava em Londres, há quanto tempo, até ao que fazíamos na Alemanha, se estudávamos, o que estudávamos, se trabalhávamos, onde e com quem morávamos, etc. Sem a pretensão de nos estendermos em demasia neste parêntese, vale comentar o questionamento que tivemos (naquele e também em outros momentos semelhantes, quando nos desfizemos de presentes recebidos por pessoas muito caras em algumas das viagens, justamente por agentes aeroportuários entenderem aqueles objetos como ameaça à segurança de seu país – um perfume e um tubo de creme para as mãos...). Seriam estas medidas realmente seguras? Não promoveriam deste modo sentimentos de raiva e desconfiança quanto à comunidade que adentraríamos? A segregação é uma via de mão dupla.

Outro exemplo que ilumina nossas reflexões foi revelado em nossa vivência como educadora na Alemanha. Nossa tarefa era acompanhar jovens universitários da Jordânia (muçulmanos, portanto) em viagem à Alemanha, como parte de um curso de línguas e cultura. Ficou clara a forma distinta como esses jovens foram tratados (a partir de critérios estigmatizantes – aparência física, acessórios que usavam no corpo, entre outros – partindo para conclusões de onde vinham e, portanto, da ameaça que representavam); fomos, desta forma, a todo momento lembrados do “perigo” que os mesmos representavam: desde o aeroporto onde fomos receber o grupo, no trem que nos levou a Berlim, nas acomodações, nos passeios realizados e, até mesmo, na universidade (tida como “aberta” à diversidade e anfitriã do grupo). Contudo, esses mesmos jovens foram muito bem recepcionados em lojas de departamentos, onde, afoitos por marcas e adereços aos quais não tinham acesso em seu país, gastavam valores consideráveis, diferentemente de outros estudantes universitários de sua idade algo muito bem-vindo no comércio local. Fecho aqui o parêntese.

Retornando às considerações de Appadurai, extinguir diferenças existentes no mundo é impossível e vai contra o projeto original de globalização, que se constituiu seguindo tendência às pluralidades. O medo das incertezas que acontece na prática, “expulsando” o indesejável, demonstra que o projeto de globalização já nasce falível (e contraditório) e tem nas minorias o sintoma disto. Segundo o autor “(...) ideologias produzidas pelas várias formas de desespero diante da assimetria produzem vítimas e mártires como instrumentos de libertação” (p. 20).

A forma de apresentação que os chamados “terroristas” têm na mídia mundial (exemplificamos a morte de Osama Bin Laden, Sadam Hussein e outros) é um dado interessante. Tal exposição transforma-se em ferramenta de expressão política e nos remete a tempos longínquos (que acreditávamos superados) do Estado detentor do poder soberano, em meados dos séculos XVIII, quando formas de desobediência eram punidas com o sofrimento de corpos expostos em praça pública, em verdadeiro suplício.

Seguindo considerações de Foucault sobre a relação do poder e a sociedade disciplinar, percebemos que a globalização, na tentativa de despertar o novo, o múltiplo, o diverso e o dinâmico, nos lançou de volta a um passado de sofrimento que se acreditava há muito superado. Sujeitos “desviantes” deviam (e devem) ser corrigidos e punidos e, além disto, estabeleciam-se (se estabelecem) relações de vigilância externa e também interna, uma vez que o indivíduo mesmo dentro deste estado de vigilância permanente passava (passa) a se autovigiar. “O sujeito passa a ser o princípio de sua própria sujeição” (FOUCAULT, 2005[1977], p. 168). Ainda relevante, nas palavras do autor: “Contra a peste que é a mistura, a disciplina faz valer seu poder que é de análise” (p. 164).

(...) exercer poder sobre os homens, controlar suas relações, desmanchar suas perigosas misturas. A cidade pestilenta, atravessada inteira pela hierarquia, pela vigilância, pelo olhar, pela documentação, a cidade imobilizada no funcionamento de um poder extensivo que age de maneira diversa, sobre todos os corpos individuais – uma utopia da cidade perfeitamente governada (...) (FOUCAULT, 2005[1977], p. 164).

O medo do global é direcionado aos imigrantes (pequenos números), que por sua vez, corporificam o grande medo ao abstrato. São, neste contexto de exorcização do novo, transformados em “identidades anômalas” (APPADURAI, 2009, p. 40). Logo, são necessários e ao mesmo tempo, mal recebidos, rechaçados, considerados parte principal do fracasso das estruturas econômicas. Os pequenos números (minorias) levam ao fantasma da conspiração (idem, p. 52) “pequenos números carregam interesses especiais” (idem, p. 53).

Nesta civilização de choques (assim nomeada por Appadurai) não há espaço para o autodesenvolvimento e chances de emancipação do sujeito. Appadurai retrata o terrorismo como o desígnio da fronteira entre guerras da nação e as guerras na nação.

A globalização consegue a grande proeza de tornar o ataque aos EUA um ataque ao globo e quando define um tipo de inimigo, proporciona o caráter de vigilância constante e permanente para todos, sem exceção. A globalização corroe os contornos do sistema de Estados-Nação e suas crises assumiram novos pânicos em relação a mercadorias ou línguas estrangeiras e o alvo passa a ser o migrante – *o estrangeiro* (APPADURAI, 2009, p. 27, grifo nosso). A globalização é perturbadora e em sendo incógnita constante, transforma-se em fonte de violência no que obriga a deslocamentos e reinvenções pessoais e estruturais constantes.

(...) existem formas mais insidiosas de violência, experimentadas por grande número dos pobres do mundo quando sofrem deslocamentos por causa de projetos de grandes empresas ou de erradicação de favelas. Aqui, sentem os efeitos da política global de segurança na condição de vítimas de embargos econômicos, violência policial, mobilização étnica e perda de emprego. (...) esta é parte dos motivos pelos quais os pobres algumas vezes se sujeitam à violência íntima de vender partes do corpo em mercados globais de órgãos, vender seus corpos inteiros para trabalhos domésticos em países inseguros e oferecer suas filhas e filhos para serviços sexuais e outras ocupações que deixam cicatrizes permanentes (APPADURAI, 2009, p. 37).

Fica claro quem são as vítimas da globalização (o que já nos dá a ideia de quem são os vencedores). Vítimas da desenfreada circulação de

capitais. Isto equivale ao que Appadurai nomeia “econocídio” (p.38); só pode haver vencedores da globalização porque há perdedores – minorias são, portanto, produzidas por estes contextos específicos – são marcas do fracasso e da coação e, ao mesmo tempo, revelam o constrangimento patrocinado pelo Estado. O autor utiliza-se ainda da ideia de “identidades predatórias” para explicar como ocorre o processo de extensão das categorias sociais próximas, definidas como ameaças à própria existência de algum grupo. A maioria torna-se “maioria ameaçada” o que justificaria o “ataque”, a aniquilação da minoria que é a fonte de todo o mal, de todo e qualquer problema. “É a transformação de um *ethnos* numa nação moderna que com frequência fornece a base para o surgimento de identidades predatórias (...)” (APPADURAI, 2009, p. 46).

Contudo, a ideia de ser maioria representa também frustração, pois implica em algum tipo de difusão étnica no povo nacional, em algum grau há identificação, que passa a desencadear a ânsia de purificar (idem p. 47). Aqui há um elemento básico em resposta ao motivo pelo qual os pequenos números incitam a fúria.

Identificamos como pertinente um momento do texto em que o autor faz alusão aos conflitos Índia X Paquistão. Neste, o autor coloca o desencadeamento de “grandes questões” por pequenos números: “onde os direitos das minorias estão diretamente ligados a argumentos maiores sobre o papel do Estado” (p. 59) propõe desta forma, limites da religião e direitos civis como assuntos de autêntica diferença cultural. Aqui fica claro que o medo central de que a minoria se torne maioria valida a necessidade de eliminá-la/diminuí-la, devido à ansiedade predatória que provoca.

À guisa de conclusão, entendemos as discussões que envolvem minorias como mascaradas de certa forma, envoltas por um valor político compartilhado. “As minorias num mundo globalizado são uma lembrança constante da incompletude da pureza nacional” (APPADURAI, p. 67). Logo, a existência do outro, do diferente, daquele que nos leva a questionar os próprios costumes, crenças ou valores

representa uma ameaça: Ameaça à própria existência, “mobilização peculiar da incerteza social” (idem p.71).

Este ensaio é de leitura esclarecedora, ajuda-nos a compreender por diferentes ângulos as ideologias envolvidas na globalização e até mesmo, a realidade brasileira atual. Appadurai, além de nos proporcionar um olhar “para fora” nos faz olhar “para dentro” em paralaxes que se tornam reveladoras de um Brasil muito distante do acolhimento e simpatia outrora atribuídos. Temos um país que não agrega seus “pequenos números” e que, pelo contrário, mantém índios marginalizados, negros em constante conflito, inventa cotas para entrada em universidades, tem problemas para assegurar direitos às empregadas domésticas, faltam leitos em hospitais públicos, há um número alto de analfabetos, mulheres e homossexuais são discriminadas, a inclusão dá-se pelo consumo e a grande discussão do momento não envolve cidadania, mas sim a redução penal da maioria... Retrato de um Brasil que se metamorfoseia em grande potência econômica e passa a lidar com circulações cada vez maiores (de todos os tipos) seguindo a tendência de nações do *primeiro mundo*.

Seremos diferentes na igualdade globalizada? Estão os braços do Cristo Redentor, realmente abertos? Para quem? Onde circula o capital, circulam também pessoas e onde há maiorias, constituem-se minorias... Maiorias que se sentem ameaçadas por minorias. Fecha-se assim o ciclo de sucesso de mais uma potência mundial.

Diane Portugueis

Doutoranda em Psicologia Social pela PUC São Paulo, membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade- Metamorfose NEPIM.

Nota

1 - A ansiedade tem como característica essencial não conhecer o objeto que a provoca, desta forma, atitudes equivocadas podem ser tomadas para sua liquidação.

Referências

- APPADURAI, A. *O medo ao Pequeno número*. Ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras/ Itaú Cultural, 2009.
- GOFFMAN, E. *Estigma*. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed., Rio de Janeiro: LTC, 1988[1963].
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 17ª ed., Petrópolis: Vozes, 2009 [1975].
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 30ª ed., Petrópolis: Vozes, 2005 [1977].